

ARTE DE COMPOR A VIDA: MÚSICA E EDUCAÇÃO

Izabella Kelly Carneiro Alves¹
Josineide Silveira de Oliveira²

RESUMO

O presente artigo aborda a discussão entre arte, música e educação, pois nota-se uma estreita relação nestas proposições, tendo em vista a reflexão acerca da importância da relação dos saberes para um pensar bem. Dessa forma, escolhe-se, como operador cognitivo para dialogar com a pesquisa, o artista paraibano Chico César. Por meio da poética desse artista, a composição musical como metáfora e fermento da vida constituem o objetivo deste trabalho. A metodologia, de abordagem qualitativa e bibliográfica, assume a epistemologia das ciências da complexidade, perfazendo o método como estratégia para construir, reorganizar e sistematizar o pensamento. A pesquisa tem como interlocutores teóricos Edgar Morin (2000, 2003a), Arthur Schopenhauer (2003), Maria da Conceição Almeida (2017), Paulo Freire (1981, 1987), dentre outros. Nesse sentido, frente à realidade, a composição musical reverbera como uma pulsão reflexiva para compor a vida, entende-se, portanto, que o artista Chico César, como exemplo de sujeito compositor da música da vida, ensina e provoca o ser humano a também imbricar-se em suas narrativas para compor. Sendo assim, é preciso repensar, descortinar e estabelecer ligações mais profundas para construir uma educação mais responsável com a vida e os seus sujeitos, permeando por um pensamento que une e dialoga com os saberes.

Palavras-chave: Composição musical, Chico César, Educação, Vida, Saberes.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que arte é essencial e inerente à vida, haja vista a mesma ter uma importância na existência individual e na história coletiva. Desde os tempos mais remotos da história da humanidade, o ser humano manifesta-se e representa-se por meio da arte (BIESDORF; WANDSCHEER, 2012). Diante disso, a arte faz-se necessária para o ser humano compor a sua vida. O poeta Ferreira Gullar, no documentário *A vida não basta* já dizia: "A arte existe porque a vida não basta". Nesse sentido, segundo Duarte Júnior (1984, p. 99) "Através da arte expressa-se a produção de uma época e de uma cultura". Destarte, desde a pré-história que o ser humano se utiliza da arte para expressar-se e até mesmo sobreviver, assim sendo, observa-se que a arte vem perdendo e ganhando novos significados e sentidos, tendo em vista as transformações e mudanças da espécie *Homo sapiens*.

¹ Mestranda em Educação Pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, izabellakellyc@gmail.com;

² Professora orientadora: doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFRN), josisilveira02@gmail.com.

Nessa perspectiva, influenciado por ideologias marxistas, Fischer (1987), em sua obra *A necessidade da arte*, tece um paralelo entre a arte e o trabalho, na qual o trabalho era visto como sendo alienante, enquanto a arte compunha a construção de um socialismo crítico. Dessa forma, na visão do autor, a arte ressignificava e refundia o ser humano, que necessitava ser mais do que se é. Assim sendo, para o autor, nos primórdios, a arte não tinha uma finalidade estética e contemplativa, mas abarcava as relações de poder com a natureza e o alargamento das relações sociais. Além disso, a arte através dos tempos, tem a sua função modificada, transformada e a sua razão transpõe outras acepções. Vale destacar uma menção do autor em que ele discute na sua percepção, as proposições sobre os primórdios da arte:

O primeiro a fazer um instrumento, dando nova forma a uma pedra para fazê-la servir ao homem, foi o primeiro artista. O primeiro a dar um nome a um objeto, a individualizá-lo em meio à vastidão indiferenciada da natureza, a marcá-lo com um signo e, pela criação linguística, a inventar um novo instrumento de poder para os outros homens, foi também um grande artista. O primeiro a organizar uma sincronização para o processo de trabalho por meio de um canto rítmico e a aumentar, assim, a força coletiva do homem, foi um profeta na arte. O primeiro a caçador a se disfarçar, assumindo a aparência de um animal para aumentar a eficácia da técnica da caça, o primeiro homem da idade da pedra que assinalou um instrumento ou uma arma com uma marca ou ornamento, o primeiro a cobrir um tronco de árvore ou uma pedra grande com uma pele de animal para atrair outros animais da mesma espécie - todos esses foram os pioneiros, os pais da arte (FISCHER, 1987, p. 42).

Portanto, na antiguidade, uma das funções da arte estava circunscrita no trabalho e nos conflitos para a sobrevivência, logo, como bem destaca o autor, “a arte é quase tão antiga quanto o homem” (1987, p. 20). Em vista disso, várias nuances são tecidas por Fischer, provocações sobre diversas necessidades que o ser humano tem da arte, a sua relação profunda com a mesma, a inquestionável importância da arte como meio indelével que une o indivíduo com o todo. Outrossim, “Milhões de pessoas leem livros, ouvem música, vão ao teatro e ao cinema. Por quê?” (FISCHER, 1987, p. 20). Desse modo, o atual trabalho engendra os caminhos da arte, vislumbrando a mesma como um dos eixos necessários para compreensão da vida, educação e seus processos.

Nesse sentido, a arte da música é permeada na pesquisa como sendo uma catarse inicial para problematizar e tomá-la como metáfora da vida, ou seja, a vida e a música se entrelaçam, na qual apreende-se a composição musical como metáfora da vida. A música é escolhida, porque é a arte mais universal e com um alcance comunicativo indecifrável em relação as outras artes. Para tanto, o filósofo Schopenhauer (2003) argumenta sobre a música:

[...] é uma arte a tal ponto elevada e majestosa, que é capaz de fazer efeito mais poderoso que qualquer outra no mais íntimo do homem, sendo por inteiro e tão profundamente compreendida por ele como se fora uma linguagem universal, cuja compreensibilidade é inata e cuja clareza ultrapassa até mesmo a do mundo intuitivo (SCHOPENHAUER, 2003, p. 228-229).

A composição musical é, portanto, um processo criativo vivenciado pelo artista no ato da criação das suas obras. Desse modo, cada compositor tem a sua maneira de compor, entretanto, todo artista carrega semelhanças e características próximas na criação, e o seu processo é circundado por vários aspectos que se tornam importantes para a criação ou composição de uma obra. Dessa forma, o artista é como um artesão, que desenvolve as suas obras imbricadas em processo complexo de pensar, agir, sentir e fazer. Sobre isso, Salles, defende:

O artista é visto em seu ambiente de trabalho, em seu esforço de fazer visível aquilo que está por existir: um trabalho sensível e intelectual executado por um artesão. Um processo de representação que dá a conhecer uma nova realidade, com características que o artista vai lhe oferecendo. A arte está sendo abordada sob o ponto de vista do fazer, dentro de um contexto histórico, social e artístico. Um movimento feito de sensações, ações e pensamentos, sofrendo intervenções do consciente e do inconsciente (SALLES, 1998, p. 38).

Nessa perspectiva, como exemplo de artistas que compõem, é escolhido para conceber a pesquisa³, o poeta, cantor e compositor Francisco César Gonçalves, mais conhecido como Chico César. Esse artista multifacetado tem demonstrado cotidianamente a arte de compor. Sabe-se que, desde os seus 12 anos de idade, Chico César vem compondo e cantando a sua música, em um processo que chama atenção pelos diversos temas que são gerados na sua poética. Além disso, Chico, com a sua intensa força de compor, tornou-se um dos grandes ícones da música brasileira, como sendo o cara que compõe, formando centelhas para problematizar a vida, a história e a própria arte. Pensando-se esta proposição da composição como metáfora, o artista Chico César é o sujeito que expõe de forma complexa como se compõe e como a composição está interconectada com a vida.

Nesse sentido, a pesquisa justifica-se como sendo necessária para possibilitar pensar, repensar e reformar o pensamento por um invés complexo e crítico, bem como compreender outras questões que estão escondidas pelo pensamento simplificador. Além do mais, emergir o trabalho com a arte, música e poesia reverbera a potência da compreensão da condição humana, visto que a arte é fio condutor para conhecer o mundo e o próprio ser. Destarte, o objetivo do presente trabalho é descortinar e discutir a composição musical como metáfora e fermento da vida, tendo como elo o diálogo entre música, vida e educação, na qual a vida é uma composição de coisas e nós somos sujeitos da mesma. Em vista disso, a educação defendida é engendrada na circulação, problematização e criticidade da produção e compreensão do conhecimento.

³ Pesquisa de mestrado em desenvolvendo no Programa de Pós-Graduação, com apoio financeiro pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

O método escolhido para a pesquisa, é das ciências da complexidade, na qual se constrói o próprio método como caminho e estratégia, em que o pesquisador formula suas ideias com base nas suas experiências, leituras e obstáculos que aparecem ao decorrer da pesquisa, além disso, o método também é conhecimento (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003b). Sendo de natureza bibliográfica, o trabalho tem como interlocutores principais, Edgar Morin (2000, 2003a), Maria da Conceição Almeida (2017), Arthur Schopenhauer (2003), Paulo Freire (1981, 1987), dentre outros.

Para efeito de sistematização, este trabalho está organizado em quatro seções. Na primeira, *Introdução*, apresentamos o nosso objetivo, contextualizando o nosso estudo em pressupostos teóricos. Na segunda, apresentamos a *Metodologia*, na terceira seção a *Fundamentação teórica*, apresentamos referenciais teóricos sobre arte, música, composição musical e educação, problematizando as nuances dessas proposições. Na quarta seção, *Resultados e discussão*, apresentamos um dos aspectos escolhidos da pesquisa do mestrado em andamento, discutindo-o. Na quinta e última seção, apresentamos as *Considerações Finais*.

Este artigo destacará, portanto, o artista Chico César e as provocações interpeladas por sua obra, permeando por meio da composição, o seu pensamento e visão de mundo, manifestando esse processo como fomento para dilatar as compreensões para uma educação sensível e humanizadora.

METODOLOGIA

O caminho da presente pesquisa tem como estratégia de pensamento o método das ciências da complexidade, que assume a construção do conhecimento pela ordem do complexo e do vivo, que não fragmenta, mas dialoga os saberes para um pensar bem, na qual reorganiza e contextualiza o conhecimento. Para Morin; Ciurana; Motta (2003):

O método não é apenas uma estratégia do sujeito, é também uma ferramenta geradora de suas próprias estratégias. O método ajuda-nos a conhecer e é também conhecimento. O método tem dois níveis que se articulam e se retroalimentam: por um lado, facilita o desenvolvimento de estratégias para o conhecimento; por outro, facilita o desenvolvimento das estratégias para a ação. (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003b, p. 31-32)

Nesse sentido, elencamos como operador cognitivo a poética do artista Chico César e entrevistas do artista disponíveis na plataforma do Youtube para problematizar o conhecimento, tecer reflexões e diálogos, por meio das pesquisas nos referenciais teóricos que nutriram o trabalho, tais como: Edgar Morin, Maria da Conceição Almeida, Arthur Schopenhauer, Paulo Freire, dentre outros.

Portanto, o trabalho é de natureza bibliográfica de cunho qualitativo, cuja apropriação é pela epistemologia da complexidade. Posto isso, vale ressaltar o entendimento do que é complexo. De acordo com Morin (2000, p.38) “O conhecimento pertinente deve enfrentar a complexidade. *Complexus* significa o que foi tecido junto”. Desse modo, a complexidade abarca a diversidade de conhecimentos, tal como o seu contexto e, compõe a multidimensionalidade dos saberes de ordem local e global, assumindo e enfrentando os desafios planetários.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para o filósofo Arthur Schopenhauer (2003), o mundo é definido em dois aspectos, sendo o mundo como representação e o mundo como Vontade⁴. O mundo como representação refere-se a relação que o sujeito dispõe com determinado objeto, tem-se, então a representação dos fenômenos. Dessa forma, o acesso ao mundo é possível a partir das aparências dos objetos, não sendo possível conhecer os objetos em si mesmos. Entretanto, o que fundamenta de fato as nossas representações é a nossa Vontade, e é a mesma que nos direciona. Tal Vontade que Schopenhauer argumenta, é insaciável, causando dor e sofrimento para o ser humano. Assim sendo, estamos desejando as coisas do mundo a todo momento e, quando não adquirimos o que desejamos, o sofrimento é irruptivo; no entanto, quando conseguimos saciar o desejo, caímos no tédio e também sofremos com isso. Sobre isso, Schopenhauer descreve:

Considere-se o seguinte: todo querer tem de nascer de uma necessidade; toda necessidade, entretanto é uma carência sentida, a qual é forçosamente um sofrimento. Decerto, toda satisfação, põe fim a esse sofrimento. Mas, 1) o desejo retorna rápido e fácil; a satisfação, de modo lento e difícil, para cada desejo satisfeito, permanecem contra ele pelo menos dez que não o são. Nossa cobiça dura muito e nossas exigências não conhecem limites. A satisfação, no entanto, é breve e módica: com ela crescem as exigências, porém o contentamento assegurado pela satisfação decresce, devido ao avanço do hábito; 2) a satisfação última de um desejo é, nela mesma, apenas aparente: nada nos trona efetivamente contentes, pois, assim que um desejo é satisfeito, um novo ocupa seu lugar; o desejo realizado é um erro conhecido, e o novo, um erro ainda desconhecido (SCHOPENHAUER, 2003, p. 90).

Além da Vontade ser insaciável, a mesma é inerente à vida, condenando o sujeito do querer ao sofrimento, todavia, pra que que o indivíduo se liberte da Vontade e do sofrimento, é necessário que ele experiencie uma contemplação estética. Assim, é possível que o conhecer seja livre da Vontade, emergindo, portanto, um sujeito puro do conhecer “Apenas o puro conhecer destituído de vontade nos dá a garantia da possibilidade de uma existência que não

⁴ O filósofo utiliza a palavra Vontade com a letra inicial maiúscula.

consista no querer, ai podendo basear-se, em parte, a alegria que o estado do puro conhecer sempre nos proporciona” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 96).

Destarte, embora a condição humana para Schopenhauer seja marcada pelo sofrimento, a medida que nos distuímos do querer, nos distuímos também do sofrimento. Outrossim, uma das maneiras de neutralização do sofrimento é através do belo, que para Schopenhauer é considerado um conhecimento presente em nós, que possibilita toda a nossa concepção do mundo, sendo, portanto, possível fruir do belo por meio da natureza ou da arte. Desse modo, vale destacar que a felicidade com o belo é desinteressada, coletiva e para todos, não existindo, portanto, relações com fins pessoais da nossa vontade. Nesse sentido, o belo que se manifesta pelas obras de artes, de acordo com Schopenhauer (2003. p. 26) “é o conhecimento mais profundo e verdadeiro da essência propriamente dita do mundo”. Nesse ponto de vista, o autor declara:

O artista nos deixa olhar com seus olhos para a realidade, e assim tornamo-nos participantes, por sua intermediação, do conhecimento das Ideias. Que ele possua tais olhos, a desvelar-lhe o essencial das coisas, independentemente de suas realações, eis aí o dom do gênio, aquilo a ser-lhe inato; que ele esteja em condições de também nos emprestar esse dom, como que nos colocar seus olhos, ei aí o adquirido, a técnica da arte (SCHOPENHAUER, 2003. p. 85).

Nesse viés, a arte tem um papel importante para conceber uma dada realidade, e tanto o artista como o espectador participam do movimento da fruição do belo, porém, esse acontecimento é momentâneo, o apaziguamento da Vontade é apenas o instante em que há a contemplação do belo. Desse modo, o filósofo reflete sobre as várias expressões artísticas, como arquitetura e hidráulica, jardinagem e pintura de paisagem, pintura de animais, pintura histórica, escultura, poesia e música. Essas expressões artistas possuem hierarquias, sendo a poesia e a música no topo da classificação. Na poesia, o ser humano encontra a mais elevada objetivação da Vontade, assim sendo, para o autor a comunicação na poesia acontece de forma imediata e de forma mediata. Primeiro, temos as palavras secas, subsídio da poesia que comunica conceitos abstratos imediatamente e, segundo, temos a fantasia, na qual é responsabilidade do artista pôr em movimento mediando a sua comunicação com o ouvinte (SCHOPENHAUER, 2003).

Além disso, Schopenhauer tece algumas provocações sobre o lugar que a poesia tem no mundo e nas nossas vidas, imbricada na história e na experiência efetiva, reverberando uma arte de imenso valor. Concomitante a isso, o autor ainda inquieta o seu leitor com a seguinte colocação e questionamento sobre a arte poética:

O objeto da arte poética é, portanto, preferencialmente a manifestação da Ideia corresponde ao grau mais elevado de objetividade da Vontade, a exposição do homem na série concatenada de seus esforços e ações. Também a experiência e a história ensinam a conhecer o homem. Daí podemos perguntar: por que precisamos da poesia para nos mostrar o que diariamente nos circunda? (SCHOPENHAUER, 2003. p. 204).

Dessa maneira, temos a história e a poesia presentes em um mesmo terreno fazendo parte do ser humano. Com efeito, atrelado a isso, há a nossa experiência, imprescindível para tornar possível a compreensão da poesia e da história. Assim, a história sozinha nos concebe uma compreensão da humanidade de forma isolada, entretanto com a poesia podemos entender melhor por meio das nossas próprias experiências o íntimo da humanidade, “a história está para a poesia como a pintura de retratos está para a pintura histórica” (SCHOPENHAUER, 2003. p. 205).

Já a música é a arte mais excelsa, na qual se conhece a essência mais íntima do mundo. Nesse sentido, essa arte dispõe de uma linguagem mais universal da coisa-em-si, sendo, o seu efeito infalível devido ao fato da sua linguagem manifestar o sentimento, a paixão, não dependendo da razão, tendo o poder de manifestar a essência de todas as coisas. Nesse sentido, Schopenhauer (2003, p. 234) explicita e tece o seguinte argumento: “A música, portanto, expressa a essência verdadeira de todas as possíveis aspirações e disposições humanas, a, por assim dizer, alma interior delas”. Em vista disso, ela diferencia-se das demais expressões artísticas, tornando-se, cópia imediata da própria Vontade, eminente a cópia do fenômeno.

No tocante à educação, é imprescindível problematizá-la e expor uma educação que esteja imbricada com a vida e a realidade. Diferentemente de uma educação bancária explicada por Freire (1987), que se preocupa apenas com a memorização do conhecimento e com a reprodução do mesmo, uma educação para vida, ou uma educação problematizadora é responsável pela libertação dos sujeitos e transformação da realidade. Dessa forma, vale destacar a necessidade de refletir qual educação queremos defender e experienciar em um mundo cada vez mais globalizado, em que os problemas de ordem local e global exigem posturas responsáveis, críticas e éticas para dialogar e resolver os desafios. Segundo Almeida (2017), a educação engendra-se na aprendizagem da cultura. Acerca disso, a autora declara:

A educação deve ser uma escola da vida, o lugar do aprendizado da condição humana, onde aprendemos as diversas formas de ver e atuar no mundo; o espaço que pode fazer emergir aptidões cognitivas mais imaginativas, mobilizadoras e dialogais; o lugar onde os estudantes se exercitem como sujeitos implicados no mundo, na teia da vida, no conjunto social, na construção mítica, nos desmandos da civilização, na poética da natureza, no destino da espécie, na servidão dos despossuídos das benesses do progresso (ALMEIDA, 2017, p. 102).

Nessa perspectiva, pensar em uma educação para a vida, implica operar por um pensamento que dialogue com os saberes e não despreze as experiências, e abarque outros conhecimentos que estão além do conhecimento científico, mas que também são pertinentes na compreensão e construção do pensamento.

Dessa forma, a cultura científica e a cultura humanística tão bem dissociada pelo paradigma do ocidente, requer o operador cognitivo da religação, tendo em vista que a diversidade de saberes é pertinente para tornar possível uma educação de base complexa, crítica e transdisciplinar. Pensando dessa forma, no que tange aos saberes artísticos, Morin (2003a) argumenta:

As artes levam-nos à dimensão estética da existência e – conforme o adágio que diz que a natureza imita a obra de arte – elas nos ensinam a ver o mundo esteticamente. Trata-se, enfim, de demonstrar que, em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana (MORIN, 2003a, p. 135).

Desse modo, é necessário problematizar a multidimensionalidade dos conhecimentos e primar pela contribuição de proposições de outros saberes. A arte como exemplo, é seminal à vida. Nesse viés, sabe-se que as artes provocam sentimentos, sensações, emoções, a criatividade, reinventam a realidade, tenciona-nos a conhecer o mundo e a compreender o próximo, leva-nos ao autoconhecimento e nos permite transcender. Ademais, a arte está no âmago de nós mesmos e, Morin (2012, p. 16) salienta que “podemos encontrar na literatura, na poesia e na música (linguagem da alma humana), na pintura e na escultura outras tantas mensagens sobre a profundezas de nossos seres”. Por conseguinte, ainda tratando do que diz respeito a condição humana, Almeida (2017), defende:

Estimular o redirecionamento do processo civilizacional com vistas a garantir a unidade e a diversidade da cultura e, sobretudo, de aprendizagem da condição humana, é papel da educação. Com instituição privilegiada, no que diz respeito ao circuito de disseminação do conhecimento, as escolas e universidades podem e devem, permanentemente, reconsiderar as concepções do que venha a ser aprendizagem (ALMEIDA, 2017, p. 94).

Destarte, vislumbrar o que concerne a condição humana, é interpelar por um caminho que leva em consideração a construção social permeada pelas mudanças e transformações do contexto do educando, bem como a compreensão e o conhecimento do ser, que está em processo de aprendizagem, assim sendo, é fundamental atentarmos para os desafios e possibilidades que a sociedade impera e primar pela autonomia do pensamento e religação dos saberes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A composição musical apresenta-se como metáfora da vida e a mesma é o argumento central que permeia a pesquisa. O poeta, cantor e compositor Chico César, desencandeia, através da sua vida e obras, fortes lições que são reverberadas pela sua via artística. Desse modo, identificamos no artista, uma pulsão intensa na sua criação, porque é mediante a sua arte de compor e cantar que ele expressa de forma frutífera o seu pensamento, se colocando contra as bárbaries do mundo. Portanto, é compondo que ele consegue conceber a sua leitura de mundo e intervir na sua realidade. Na entrevista que concede à professora Lara Rocha, ele descreve a sua percepção de arte e o seu processo de compor:

Eu vejo assim, a arte como espécie de vida paralela, ela permite acessar outros de nós mesmos, então assim, eu já fiz músicas sobre o amor, músicas muito apaixonadas, tipo “À Primeira Vista”, e que eu não estava apaixonado e nem estava querendo me apaixonar e, as pessoas perguntam: pra quem você fez essa música? Pra ninguém, eu fiz pro amor, eu fiz pra música, a arte permite acessar esses lugares sem necessariamente sermos internados, eu posso ser várias pessoas, isso é muito legal, de repente é um estalo e você acessa um lugar ali que é seu, que é coletivo, que é inconsciente, aí você se entrega aquilo, desapega de você para comentar algo que pode ser de todo mundo em algum momento, às minhas canções elas nascem de um olhar para fora, tipo Mama África, canções mais de danças, mais guerreiras, e um olhar para dentro, quando olho pra dentro não necessariamente me vejo, mas eu vejo um lugar ali úmido da humanidade, esse lugar úmido, molhado, dos sentimentos, aí vem às canções de amor, hoje me observando, acho que é daí que vem minhas canções, um olhar pra fora e um olhar para dentro, e esses olhares são de uma pessoa só que às vezes não faz questão de ser ela mesma, me dou o direito de não ser eu mesmo e ser qualquer coisa⁵ (LARA ROCHA, 2020).

Percebe-se a complexidade que Chico César encara e vive durante o seu processo de compor, atravessando dois estados da composição, há o estado exterior; no qual Chico César descortina a realidade, reflete e a descreve, há o outro estado; que predispõe de um olhar para dentro, sendo para ele um olhar úmido da humanidade, e tal olhar para o seu interior, não necessariamente ele enxerga a si, mas, sobretudo, alcança a coletividade, a humanidade, o vivo. Dessa forma, sua obsessão por compor reinventa e inventa novas formas de forjar o que está disposto na realidade. Nesse sentido, Schopenhauer, tece:

O compositor manifesta a essência mais íntima do mundo, expressa a sabedoria mais profunda, numa linguagem não compreensível por sua razão: como um sonâmbulo magnético, fornece informações sobre coisas das quais, desperto, não possui conceito algum (SCHOPENHAUER, 2003, p. 233).

Nesse ínterim, Chico César consegue manifestar a essência das coisas, e isso é perceptível quando ele descreve o lugar úmido da humanidade, assim como do seu olhar atento para as coisas que estão a sua volta, concebendo de forma crítica e reflexiva o que ele sente e consegue comunicar com a sua poética. Além disso, a arte também possibilita acessar outras

⁵ Entrevista concedida por Chico César a professora Lara Rocha do cursinho pré-vestibular descomplica. Publicada na plataforma do Youtube.

realidades, espaços, personagens e tempo, fazendo com que Chico César consiga complexificar de forma mais diversa a sua expressão.

São diversas as temáticas que Chico César aborda em suas obras, logo, não há como definir a sua poética a um determinado tema. Desde o seu primeiro álbum lançado em 1995 *Aos vivos* até o seu mais recente *O amor é um ato revolucionário* lançado em 2019, encontra-se uma multiplicidade de questões que permeiam o seu rico imaginário. Assim sendo, as suas composições tecem uma magnitude de sabedoria e conhecimentos que transcendem a nossa época. Desse modo, para compor, não é necessário ser artista, mas perceber a realidade e implicar-se nela como sujeitos ativos em um mundo que dispõe de complexidades e problemas para enfrentar. Dessa forma, compor a vida, como quem compõe uma canção, é olhar a sua própria realidade tanto local como global e no meio do caos, compor para resistir a crueldade do mundo. Nesse sentido, Freire (1981), argumenta:

Ao nível humano, o conhecimento envolve a constante unidade entre ação e reflexão sobre a realidade. Como presenças no mundo, os seres humanos são corpos conscientes que o transformam, agindo e pensando, o que os permite conhecer ao nível reflexivo. Precisamente por causa disto podemos tomar nossa própria presença no mundo como objeto de nossa análise crítica. Daí que, voltando-nos sobre as experiências anteriores, possamos conhecer o conhecimento que nelas tivemos (FREIRE, 1981 p. 72).

Portanto, vale destacar que Chico César é um exemplo de compositor que também nos ensina a compor a vida. E, todos os dias, mesmo que inconscientemente, estamos a tecer e a compor a nossa realidade e vida, que se faz tanto na prosa como também na poesia. Assim, compomos para repensar nossas ideias, desconstruir e reorganizar o nosso pensamento, compomos enquanto educadores e profissionais da educação, bem como enquanto estudantes, portanto, somos os compositores da vida e do conhecimento. Nessa perspectiva de composição, segue um trecho da poética de Chico César do seu álbum *Mama mundi*.

Folclore

Chico César

Fui no lelê pra dançar lelê iá
Dançava eu querendo me acalmar
Pra entender ler e escrever
Mentalizar dizer os mistérios do lugar
Pois o país precisa de pó de giz
Pois o país tem que ter fogão a gás
Pois o país carece de um leito a mais
Paz no país agora e não depois

Essa canção provocativa do artista, reverbera a sua visão acerca do que o seu país necessita, tecendo as aflições que ele percebe ao observar aquilo que o atravessa, neste caso, ele manifesta a sua indignação perante um país desigual, que padece dos recursos sociais, educacionais, de saúde e segurança. Nota-se que na canção, o artista descreve que tenta se

acalmar, ao passo que tem que entender, ler e escrever o lugar. Outrossim, ele manifesta e denuncia as mazelas do seu país. Essa é apenas uma das inúmeras composições de Chico César, que nos tenciona e provoca a refletir e agir em prol de um mundo melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do panorama apresentado, observa-se que a arte como cartase inicial para nutrir o trabalho, perfaz um importante eixo para dialogar com o conhecimento científico. Dessa maneira, o exercício de investigar outros saberes que estão além da academia, propiciou explorar temáticas que estão presentes no cotidiano. A música, por exemplo, é um operador cognitivo que se faz vital na nossa existência, pode-se tentar generalizar e dizer que a música faz parte da vida de uma parcela significativda da sociedade, não somente a música, mas também, a arte em geral, pois estamos a todo instante consumindo artes.

Em vista disso, o artista Chico César escolhido para a realização da pesquisa, continua a desdobrar proposições pertinentes para serem levadas ao debate. Esse compositor, nascido no interior da Paraíba, na cidade Catolé do Rocha, mostra-se um intelectual necessário em nossa contemporaneidade para pensar e alargar os acontecimentos interpelados no mundo.

Portanto, a composição musical como metáfora da vida, predispõe uma das importantes lições que este pensador conduz. Outrossim, em meio a pandemia vivenciada, provocada pela Covid-19, Chico César tem sido um dos expoentes e alento para atravessar tal momento cruel de crises, com mais de 90 canções escritas durante o período da pandemia, o artista reafirma a neessidade da arte e da composição.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Ciências da complexidade e Educação: razão apaixonada e politização do pensamento**. Natal, RN. EDUFRN, 2017.

BIESDORF, Rosane Kloh. WANDSHCHEER, Marli Ferreira. Arte, uma necessidade humana: função social e educativa. **Revista Itinerarius Reflectionis**. v. 10, n 1. fev.2012. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/20333/11824>>, acesso em: 01 mai. 2021.

CÉSAR, Chico. **Folclore**. 2000. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/chico-cesar/206024/> > Acesso em: 05. mai. 2021.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 3º ed. Campinas: Papirus, 1994.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9º ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

FREIRE, Paulo. **Ação cultura para a liberdade e outros escritos**. 5º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo **Pedagogia Do Oprimido**. Rio De Janeiro, Paz E Terra, 1987.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma reformar o pensamento**. 8º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003a.

MORIN, Edgar. CIURANA, Emilio Roger. MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. São Paulo: Cortez Editora, 2003b.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. 5º ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2º ed. São Paulo: Cortez, 2000.

ROCHA, Lara. **Letrux e Chico César seguindo a canção**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cc5tsIUA3Mg> Acesso em: 15 jan. 2021.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: Fapesp: Annablume, 1998.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do belo**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.